



A FANTASIA DE ANDRÓPOLIS: *O ANO 3000* DE PAOLO MANTEGAZZA COMO UTOPIA

DAGIOS, Mateus¹

RESUMO: O artigo é uma análise da novela *O Ano 3000: sonho (L'anno 3000: sogno)* publicada em 1897 pelo médico e sanitarista Paolo Mantegazza (1831–1910) como romance de fantasia, abordando o conceito de *Portal-Quest Fantasy* desenvolvido por Farah Mendlesohn e examinando como o romance é construído com características de narrativas de utopia e elementos de ficção científica. O objetivo é apresentar como um emérito cientista imagina o futuro revelando práticas higienistas e totalitárias. Abordam-se também elementos da narrativa pelo conceito de biopolítica de Michel Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Ano 3000, fantasia, utopia, ficção científica, biopolítica.

FANTASY FROM ANDRÓPOLIS: *YEAR 3000* BY PAOLO MANTEGAZZA AS UTOPIY

ABSTRACT: This paper analyzes *The Year 3000: A Dream (L'anno 3000: sogno)*, published in 1897 by physician and sanitarian Paolo Mantegazza (1831–1910) as a fantasy novel. We address the concept of Portal-Quest Fantasy developed by Farah Mendlesohn and examine how the novel is built with characteristics of utopian narratives and elements of science fiction. We aim to present how a preeminent scientist imagines the future by revealing hygienist and totalitarian practices. Elements of the narrative are also addressed through Michel Foucault's concept of biopolitics.

KEYWORDS: The Year 3000, fantasy, utopia, science fiction, biopolitics.

Introdução

A natureza humana é tão elástica, tão proteiforme, que nos permite repetir, ao fim de longos intervalos, as mesmas experiências, e tentar de novo as mesmas extravagantes utopias.

Paolo Mantegazza – *O Ano 3000*

¹ Doutor em História – UFRGS. Professor substituto – IFMT. E-mail: mateusdagios@yahoo.com.br

Paolo Mantegazza (1831–1910) talvez ficasse surpreso em ter seu nome mais lembrado no contexto do espectro de possibilidades da literatura de fantasia do que pelas suas contribuições à ciência. O conceito de *phantasia* no século XIX² estava então relacionado à criação de imagens nem sempre ordenadas e por isso distante da prática metódica de um cientista *à la lettre* como foi o intrépido italiano.

O nome de Mantegazza está no *hall* dos autores que gozaram de influência e sucesso no final do século XIX, mas foram progressivamente esquecidos durante o século XX. Sua vida pode ser narrada como um *romanzo di avventura*, uma jornada que permeia as fronteiras das ciências. Homem idealista com um forte senso prático, escritor das potencialidades do sexo para o corpo, antropólogo e por isso um viajante, tornou-se senador, sanitarista, divulgador de Darwin, com quem manteve correspondência, e influenciou Freud em sua imersão no uso terapêutico da cocaína³.

É possível definir os vastos interesses do autor italiano a partir da definição que Peter Burke apresenta da figura do polímata: “alguém que se interessa por muitos assuntos e aprende muitos assuntos” ou “um indivíduo que domina muitas disciplinas” (BURKE, 2020, p. 21). Mas todas as disciplinas exploradas por Mantegazza tinham como norte o interesse científico. Ele auxiliou a desenvolver um aparelho chamado globulímetro que ambicionava contar o número de células vermelhas no sangue, isolou a cocaína da folha da coca e investigou o uso da substância como anestésico. Seu texto *Sulle virtù igieniche e medicinali della coca* (1859) teve grande influência na literatura médica sobre drogas.

Como médico, amparou doentes na Segunda Guerra de Independência da Itália em 1859. Sua mãe, Laura Solera Mantegazza fundou em 1862 a Associação Nacional Operária Feminina, que promovia cursos de alfabetização e se tornaria em 1870 uma escola laica para mulheres em Milão, sustentada com recursos públicos.

Assíduo viajante, veio para a América do Sul em 1852, visitando Paraguai, Uruguai e Argentina. Retornaria para a Europa em 1858, publicando alguns relatos sobre suas impressões de viagem. Em 1869, já na Itália, fundou o Museo di Antropologia em Florença, além da revista *Archivio per l'antropologia e l'etnologia*. Seus textos de maior sucesso são seus estudos de

² Para a noção filosófica de fantasia, ver *Vocabulaire technique et critique de la philosophie* de André Lalande (1947, p. 329).

³ Para entender um pouco da relação entre Freud, cocaína e os trabalhos de Mantegazza, ver *Freud e a cocaína*, de David Cohen (2014).

fisiologia: *Fisiologia del Dolore* (1880), *La fisiologia del piacere* (1880), *Fisiologia dell'odio*, (1889) e *Fisiologia dell'Amore* (1896).

Em suas fisiologias, Mantegazza defendia uma iniciação sexual feminina que não fosse a idealização sexual do amor, mas uma educação para as mulheres baseada em princípios de fisiologia do corpo, para entendimento do funcionamento corporal e, ao mesmo tempo, voltada para os sentidos práticos do casamento. Foi precursor dos estudos da fertilidade humana, fazendo experimentos e deduções sobre a inseminação artificial. Sara Caumo Guerra destaca que Mantegazza apresentou discussões em relação ao sexo que só foram trabalhadas com mais profundidade durante os séculos XX e XXI (GUERRA, 2016)⁴.

As obras do italiano causavam um *frisson* de indignação da moralidade, o que aumentava seu sucesso editorial, sendo traduzido em vários idiomas. Freud, no *Fragmento da Análise de Um Caso de Histeria* (1905), no caso Dora, descreve-nos como a leitura de um livro de Mantegazza é usada para acusar a jovem de ter inventado uma cena de investida sexual: “havia lido a *Fisiologia do amor*, de Mantegazza, e livros semelhantes, na casa deles à beira do lago” (FREUD, 2016, p. 198). Maria Sophia Quine descreve um caráter libertador da sexualidade abordada pelo italiano:

A missão de vida de Mantegazza não era pregar o evangelho da abstinência nem julgar os outros. O propósito de sua ciência das relações sexuais, dizia ele, era libertar as pessoas da repressão. Ele gostava de ser um iconoclasta e sentia grande prazer com o fato de que a hierarquia e o clero católicos do seu próprio país consideravam as publicações dele como obras de grande obscenidade (QUINE, 2012, p. 107)⁵.

O que nos interessa neste artigo é um dos últimos livros do autor, a novela *O Ano 3000: sonho* (*L'anno 3000: sogno*), publicada em 1897. O texto narra uma confortável viagem para união matrimonial de um casal que busca autorização para reproduzir-se, sendo descritas várias invenções fantásticas ao mesmo tempo que é historiado como a humanidade chegou ao

⁴ No Brasil, sobre o pensamento de Paolo Mantegazza, destacam-se as pesquisas de Sara Caumo Guerra, *Viajante-antropólogo: a narrativa de Paolo Mantegazza (1831-1910)* (2012) e *Paolo Mantegazza (1831-1910) e a escrita científica do Amor* (2016).

⁵ Tradução nossa. No original: “Mantegazza’s mission in life was not to preach the gospel of abstinence or stand in judgment of others. The purpose of his science of sexual relations, he stated, was to liberate people from repression. He liked being an iconoclast and took great pleasure from the fact that the Catholic hierarchy and clergy in his own country considered his publications to be works of great obscenity.”

ano 3000, imbuída do espírito de progresso. Nicoletta Pireddu argumenta que o livro “efetivamente representa a mentalidade e a visão de mundo caleidoscópicas de Mantegazza como um expoente de uma época na encruzilhada entre as certezas do positivismo e as ansiedades da virada do século XIX” (PIREDDU, 2010, p. 3)⁶.

Cabe então apresentarmos uma questão que fundamenta nossa investigação: por que é importante analisarmos uma narrativa de fantasia com elementos utópicos e de ficção científica escrita na virada do século XIX para o XX? Em um primeiro momento, para compreender como um cientista, homem branco, privilegiado por uma educação burguesa como era Mantegazza, vislumbra uma visão de futuro que é permeada por certo conformismo, na qual todas as disparidades sociais parecem esquecidas, uma ficção científica baseada no conforto material das invenções, nas possibilidades de uso das máquinas e nos princípios do que foi definido por Foucault como biopolítica.

É preciso ressaltar que nas últimas duas décadas houve um aumento de estudos e traduções de *L'anno 3000*. Em 2004, Raymond Trousson organizou e traduziu a primeira edição francesa *L'an 3000: rêve*. Em 2010, o público de língua inglesa recebeu uma nova tradução de David Jacobson, *The Year 3000: A dream*, com uma riquíssima introdução de Nicoletta Pireddu. A edição em língua portuguesa *O Ano 3000* foi traduzida em 1914 por Arlindo Varela e ainda permanece a única. O artigo ambiciona também divulgar uma obra pouco lembrada, mas que já estando em domínio público pode ser relançada pelas editoras nacionais.

Entre os estudos críticos, além dos textos de apresentação das edições, tanto de Raymond Trousson (2004) como de Nicoletta Pireddu (2010), destacam-se dois artigos. O primeiro é de Daniele Comberiati, *L'anno 3000 di Paolo Mantegazza. L'utopia scientifica al servizio del progresso coloniale* (2019), que propõe a leitura da novela como uma réplica para *Looking Backward: 2000-1887* (1888), uma utopia socialista de Edward Bellamy que teve enorme sucesso⁷. O autor italiano faz duras críticas ao socialismo no seu *Ano 3000* e acredita no triunfo de um indivíduo criador, o que seria um contraponto ao ano 2000 de Bellamy. O segundo artigo é de Francesca Campani, *Fare gli italiani dell'anno 3000: Paolo Mantegazza e*

⁶ Tradução nossa. No original: “effectively represents the kaleidoscopic mentality and worldview of Mantegazza as an exponent of an epoch at the crossroads between the certainties of positivism and the anxieties of the turn of the nineteenth century.”

⁷ É preciso destacar aqui o lançamento de uma nova tradução do texto de Edward Bellamy, *Olhando Para Trás: 2000-1887*, publicada em 2021 pela Aetia Editorial. A tradução recoloca em nosso mercado editorial um importante texto para estudantes da literatura de utopia.

le prospettive future dell'amore nell'Italia Postunitaria (2019), e estabelece um diálogo com as teorias abordadas nas fisiologias, descrevendo também um forte apelo nacionalista na novela.

Além dos artigos, cabe destacar o livro *Vital Subjects: Race and Biopolitics in Italy, 1860–1920* (2016) de Rhiannon Noel Welch, que apresenta um capítulo de análise da novela de Mantegazza, *Immunitary Technologies*. Como o autor foi um proeminente cientista e sanitarista, que mantinha campanhas por um ideal de saúde pública baseado no darwinismo social, Welch analisa como as teorias de Mantegazza também aparecem na novela, principalmente a ideia da reprodução regulada pelo Estado.

Abordaremos *O Ano 3000* a partir da literatura de fantasia (*fantasy literature*) por ser um texto híbrido com elementos de narrativas de utopia e de ficção científica, sob o rótulo de um romance de sonho. O artigo é dividido em duas partes: 1. *O Ano 3000: um sonho entre a utopia e a ficção científica*, no qual apresentamos os elementos do enredo que aproximam a novela da tradição do gênero utópico e da ficção científica; 2. *Andrópolis: uma utopia*, em que são discutidos elementos da cidade de Andrópolis como uma utopia do progresso científico e também o conceito de biopolítica desenvolvido por Michel Foucault.

1. O Ano 3000: um sonho entre a utopia e a ficção científica

O Ano 3000 é escrito a partir da tradição de textos que usavam o rótulo sonho para enquadrar um tipo narrativa de fantasia do futuro, como *Somnium* (1634) de Johannes Kepler ou *L'an 2440: Rêve s'il en fut jamais* (1771) de Louis-Sébastien Mercie, como explica Stableford: “Sempre que as viagens imaginárias dos séculos XVII e XVIII acharam conveniente cruzar o espaço interplanetário, os dispositivos tornaram-se fantasmagóricos, e o sonho permaneceu a única forma plausível de obter acesso ao futuro até o final do século XIX” (STABLEFORD, 2003, p. 16)⁸.

As narrativas de sonho eram uma predição de futuro sem estarem associadas a um realismo ou a uma linguagem técnica, como a ficção científica estabeleceria. O termo ainda não tinha a significação que a psicanálise haveria de dar posteriormente, ou seja, uma estrutura da representação do desejo. A ideia de narrativa de sonho era a descrição da fantasia do sonhador, como uma possibilidade de imaginação. Mantegazza, ao descrever seu ano 3000, apresenta-o então como um sonho, esperando ter o texto apreciado dentro dessa tradição.

⁸ Tradução nossa. No original: “Whenever seventeenth and eighteenth-century imaginary voyages found it convenient to cross interplanetary space their devices became phantasmagorical, and dreaming remained the only plausible means of gaining access to the future until the late nineteenth century.”

Para explorar o texto de Mantegazza, partimos do conceito de *Portal-Quest Fantasy* relacionando-o com narrativas de utopia e de ficção científica. O conceito de *Portal-Quest Fantasy* foi desenvolvido pela autora Farah Mendlesohn no livro *Rhetorics of Fantasy* (2008), não para tentar definir o conceito de fantasia, mas para entender tipos de retórica ou estratégias narrativas comuns ao gênero. *Portal Quest* é um tipo de fantasia comum às utopias clássicas e por isso nos interessa especificamente, no qual o narrador tem uma postura descritiva de entender as bases estruturais e sociais do mundo fantasiado, em uma postura assumida em *O Ano 3000* pelo narrador e pela personagem Paulo: “A linguagem da fantasia de portal é frequentemente elaborada, mas é a elaboração do antropólogo ou do pintor pré-raphaelita, intensamente descritiva e exploratória” (MENDLESOHN, 2008, p. XIX)⁹.

Como gênero literário, a utopia possui exemplos que são rastreáveis desde a antiguidade com a *República* de Platão, passando pelo período medieval com descrições de terras fantásticas como a *Cocanha* que evocam prazeres da comida em abundância ou ideais sagrados da *Cidade de Deus* de Santo Agostinho. O conceito de utopia, inaugurado no clássico livro *Utopia* (1516) de Thomas More (1478–1535), é um neologismo do grego *eutopia* (bom lugar) para uma utopia “não lugar”, que estabelece uma contradição de significado entre um não lugar e um lugar imaginado.

O termo na modernidade ganhou uma noção mais ampla que não apenas a correspondência com o texto de More, tornando-se um conceito para explicar relações e desejos de ordem social. Fátima Vieira apresenta quatro usos do conceito: 1. uma forma de sociedade imaginada; 2. a forma literária em que o utópico foi cristalizado, sendo possíveis vários tipos de narrativas, não somente a do modelo do texto de More; 3. a utopia como uma força política; 4. a utopia como um desejo causado pelo descontentamento com a estrutura social (VIEIRA, 2010, p. 6).

A ficção de utopia pode ser interpretada no anseio de antever uma possibilidade de um amanhã distante, como no caso o longínquo ano 3000, mas os futuros são mutáveis, eles são projeções de esperanças e medos, e por isso as utopias adquirem muitas formas conforme a época. Georges Minois argumenta que as utopias têm um ponto em comum: “elas revelam uma insatisfação com o presente e têm em mira um estado de coisas supostamente ideal, que se apresenta como antítese da situação atual” (MINOIS, 2015, p. 479).

⁹ Tradução nossa: “The language of the portal fantasy is often elaborate, but it is the elaboration of the anthropologist or the Pre-Raphaelite painter, intensely descriptive and exploratory.”

A dinâmica da utopia ocorre na relação entre a insatisfação com o presente e o desejo de outro futuro que não o que se configura. Jameson salienta a complexa relação na criação do terreno ficcional do gênero utópico: “A dinâmica fundamental de qualquer política utópica (ou de qualquer utopismo político) estará portanto sempre na dialética de Identidade e Diferença, na medida em que tal política visa imaginar, e às vezes até mesmo concretizar, um sistema radicalmente diferente do atual” (JAMESON, 2005, p. xii)¹⁰.

Assim, para compreender a dinâmica utópica de uma obra, ou seja, a negociação entre presente e futuro, é preciso situá-la dentro do espectro ideológico da sua época. Raymond Trousson oferece uma definição para entender e reconhecer uma narrativa de utopia, sendo constituída a partir de alguns elementos comuns:

No quadro de um relato [...], é descrita uma comunidade [...], organizada segundo certos princípios políticos, econômicos, éticos, restituindo a complexidade da existência social [...], seja ela apresentada como um ideal a realizar (utopia positiva) ou como a previsão de um inferno (a antiutopia), seja ela situada em um espaço real, imaginário ou mesmo no tempo, seja ela enfim descrita ao final de uma viagem imaginária verossímil ou não (TROUSSON, 1999 p. 24)¹¹.

O enredo de *O Ano 3000* tem vários temas da literatura de utopia: 1. *a viagem*, o casal Paulo e Maria viajam de Roma, capital dos Estados Unidos da Europa, para Andrópolis, a capital dos Estados Unidos Planetários; 2. *a comunidade idealizada*, representada por *Andrópolis*, que é o centro irradiador da ciência do planeta Terra, onde são tomadas todas as decisões importantes, como se o casal pode se reproduzir; 3. *os princípios políticos*, que são a harmonia entre a ciência e o progresso.

Caberia a pergunta sobre o que define a novela *O Ano 3000* como um texto de fantasia e não uma narrativa de utopia. As duas ideias se entrelaçam no texto de Mantegazza, mas diferentemente da utopia clássica, que desenvolve sua narrativa abordando um *não lugar*

¹⁰ Tradução nossa. No original: “The fundamental dynamic of any Utopian politics (or of any political Utopianism) will therefore always lie in the dialectic of Identity and Difference, to the degree to which such a politics aims at imagining, and sometimes even at realizing, a system radically different from this one.”

¹¹ Tradução nossa. No original: “dans le cadre d’un récit [...], se trouve décrite une communauté [...], organisée selon certains principes politiques, économiques, éthiques, restituant la complexité de l’existence sociale [...], qu’elle soit présentée comme idéal à réaliser (utopie positive) ou comme la prévision d’un enfer (l’anti-utopie), qu’elle soit située dans un espace réel, imaginaire ou encore dans le temps, qu’elle soit enfin décrite au terme d’un voyage imaginaire vraisemblable ou non.”

(utopia), a narrativa em questão parte do mundo europeu, do mapa continental, para estabelecer suas descrições. Europa, Inglaterra, Estados Unidos, Roma, Himalaia, a geografia é importante para constituir os problemas do mundo no ano 3000 e as soluções apresentadas pelo Estado centralizador dos Estados Unidos Planetários.

Como é comum em uma narrativa de utopia, é preciso apresentar o que existe de desacordo ao imaginado, o que se contrapõe à perfeição de Andrópolis. Antes de o casal chegar ao seu destino, a bordo do *aerotaco*, um veículo elétrico climatizado, é preciso revisitar os erros do passado, visitando então as ruínas de navios de guerras ou os restos da antiga Europa. Paulo, com seu saber professoral, apresenta a ordem do mundo à jovem e recatada Maria. O casal passeia pelo Egito vislumbrando as antigas pirâmides e depois faz uma parada na Ilha das Experiências.

A Ilha das Experiências é uma crítica de Mantegazza a diversas utopias políticas. O nome de Ilha das Experiências é porque são experimentações imperfeitas da política, cidades-estado que servem como um grande museu-laboratório dos Estados Unidos Planetários: “Como um museu se conservam todas as passadas formas de governo. É por isso que ela é também chamada a *Ilha das Experiências*” (MANTEGAZZA, 1914, p. 433).

Há o País da Igualdade, no qual todos se vestem de forma igual, vivem em casas iguais, comem na mesma hora e fazem as mesmas coisas, inclusive as relações sexuais na mesma hora. Vivem ali 10.000 pessoas sem nomes, que somente portam números para identificação. Sobre a utopia do igualitarismo, o viajante Paulo qualifica: “a natureza humana é tão elástica, tão proteiforme, que nos permite repetir, ao fim de longos intervalos, as mesmas experiências, e tentar de novo as mesmas extravagantes utopias” (MANTEGAZZA, 1914, p. 33).

A próxima cidade-estado visitada é Tiranópolis, governada por um tirano e por sua família, na qual todos são submetidos à lei de um déspota, que mantinha o poder político e religioso. O Estado totalitário era mantido por Andrópolis para que todos pudessem ver o horror de uma tirania autoritária, como um tubo de ensaio que pessoas com pretensões de leis severas deveriam visitar para ver na prática o que tais leis poderiam causar: “vai a Tiranópolis, e em um mês será mais que suficiente para que te possas curar das tuas ideias autoritárias” (MANTEGAZZA, 1914, p. 38).

O casal faz uma parada em Turácia ou na República Socialista. Mantegazza faz uma caricatura do socialismo utópico, principalmente pelas ideias de Filippo Turati, por isso o nome de Turácia. A República Socialista é um lugar em que não existe pais ou mães, pois todos são filhos e filhas do Estado. O amor é livre e todos possuem muitos amantes, por isso nenhum

filho sabe quem é seu pai. O filósofo Karl Marx é adorado como um deus, e o capital é infame e responsável pelas desgraças do mundo. A República Socialista descrita por Mantegazza é um lugar em que os intelectuais têm mais bondade que inteligência e o povo é deficiente de caráter: “A grande massa do povo socialista é constituída por ignorantes e por gente de fraquíssimo caráter [...]. À sua frente vi homens de engenho, mas com mais coração do que cabeça” (MANTEGAZZA, 1914, p. 41).

A última cidade-estado observada é Logolópolis, que é uma crítica ao parlamentarismo. Para o narrador, o problema da cidade é a vontade dos eleitores que elegendos governantes e esses mudam as leis por capricho. Outras cidades menores são visitadas, como Poligama, Poliandra, Cenóbia e Perúvia, cada uma construída sobre um padrão defeituoso de governo, como poligamia, asceticismo e lesbianidade. Para Nicoletta Pireddu, os nomes terminados em -pólis, como Tiranopólis ou Andrópolis, remetem a uma tradição do romance de utopia, Centrópolis de Bodin, Cosmópolis de Júlio Verne (PIREDDU, 2010, p. 26).

A novela também apresenta características da ficção científica¹². Para definir ficção científica, deve-se partir da noção proposta por Roberts: “A Ficção Científica é adverbial a respeito da ciência, modificando e qualificando em formas expressivas a facticidade substantiva da própria ciência” (ROBERTS, 2018, p. 41-2). Como uma forma de pensamento, a ficção científica incorpora a ciência e tenta produzir uma ficção no enquadramento dos limites da técnica:

Ficção Científica é mais bem definida como ficção tecnológica [...], modo de enquadrar o mundo, manifestação de uma perspectiva fundamentalmente filosófica. Como gênero, portanto, a Ficção Científica incorpora, em termos textuais, esse enquadrar, tomando como sua reserva permanente não apenas os discursos da ciência e da tecnologia, mas todo cabedal da própria Ficção Científica (ROBERTS, 2018, p. 60).

A novela é pródiga em imaginar novas tecnologias. Mantegazza, como cientista, descreve muitas das circunstâncias das tecnologias, as formas de funcionamento e o que está por trás de cada mecanismo da invenção, até uma historicidade da invenção. No capítulo III, o casal vai à Ilha de Dínamo, uma ilha-museu e laboratório que estuda mecânica e ao mesmo

¹² Na famosa coleção francesa *Livre d'Or de la Science-Fiction*, editada por Jacques Goimard, em um volume especial dedicado à ficção científica italiana, *La Science-Fiction Italienne*, os autores apresentam *O Ano 3000* como um texto precursor da tradição de ficção científica.

tempo distribui energia para os mais variados cantos habitados no ano 3000. Ali, o casal visitante é guiado por um engenheiro que lhes apresenta a funcionalidade de diversas invenções, como o *pandínamo*, descoberto por Macstrong ao observar vagalumes. O engenheiro detalha os acontecimentos que leu no livro de Macstrong sobre a observação dos vagalumes e como a partir desse fato curioso se deu a criação da energia em questão:

Macstrong no seu laboratório, estudando ao microscópio, e por meio da análise química, os caracteres íntimos do protoplasma dos corpos vivos, e, após alguns anos de investigações, encontrou meio de produzir artificialmente com a síntese orgânica e deu-lhe o nome de *pandínamo*, porque mediante fáceis manipulações daquela substância onipotente se pode fazer emanar luz, calor, a eletricidade, o movimento e o magnetismo” (MANTEGAZZA, 1914, p. 58).

O trecho mostra o esforço de pensar uma ficção tecnológica e explicá-la por meio da lógica da ciência. Mantegazza descreve uma substância imaginária, um inventor, o momento da descoberta, a invenção e os poderes possíveis dessa substância para a eletricidade e o magnetismo. Outras formas de gerar energia criadora são também pensadas pela personagem: “O pensamento é também uma força, que emana de células feitas de protoplasma. Quando nós pudermos aperfeiçoar o *pandínamo* de Macstrong, a ponto de tornar semelhante àquele que constitui a substância cinzenta do nosso cérebro, poderemos fazê-lo capaz de pensar” (MANTEGAZZA, 1914, p. 60).

A utopia de Mantegazza é uma utopia na qual ciência e moralidade podem ser equiparadas. A qualificação da melhor ciência como melhor produtora moral é a ideia que permeia a existência de Andrópolis, como descreve o engenheiro:

Como engenheiro, eu não posso ocupar-me senão do progresso mecânico; mas creia, todavia, que este caminha quase sempre paralelo ao progresso moral. Se for, minha senhora, a Andrópolis, poderá ver como todos os anos se coligem também os números que indicam o progresso moral da humanidade (MANTEGAZZA, 1914, p. 63).

A guerra é um dos problemas da ficção científica. Se o século XIX, motivado pela ascensão do progresso e da ciência, traria uma esperança pelas inovações tecnológicas do

futuro, qual seria o lugar das máquinas de guerra nesse futuro? Georges Minois descreve que os escritores do final do século XIX pensavam em sua maioria que a guerra seria inexistente no futuro, que a tecnologia traria a paz: “Um dos campos privilegiados da predição de ficção científica é a guerra. Como serão travadas as guerras do futuro? Elas simplesmente não o serão” (MINOIS, 2015, p. 580). Mantegazza compartilha desse sentimento, dessa esperança por um mundo sem armas e sem guerra:

A carnificina foi tão grande e tão cruel, que a Europa se horrorizou, por fim, e teve medo de si própria. A guerra havia morto a guerra, e foi nesse dia que se lançou a primeira pedra dos Estados Unidos da Europa [...]. E imagina que matar em grande escala se julgava então grandíssima glória, sendo os generais e os almirantes vencedores premiados e levados em triunfo. Pobres tempos, pobre humanidade (MANTEGAZZA, 1914, p. 12-3).

O engenheiro da Ilha de Dínamo acredita que foram as máquinas que ajudaram a vencer a guerra e proporcionar a paz, foram elas que trouxeram a agilidade da comunicação e a concórdia aos homens:

Eu creio que a rapidez das comunicações — continuava o engenheiro — obtida por meio do vapor e do telégrafo, tem contribuído mais do que todos os livros, do que todos os jornais, mais do que todos os parlamentos, do que todos os códigos e até do que todas as religiões, para destruir a antiga e ominosa época das guerras entre povo e povo e para criar uma nova moral, sã e sincera (MANTEGAZZA, 1914, p. 54).

O autor morreu antes das duas Grandes Guerras, do Holocausto e da bomba atômica. Os horrores do século XX soam como profecias para um leitor do século XXI. As máquinas não trouxeram a paz e multiplicaram a possibilidade da guerra, e a própria comunicação tornou-se em nosso presente uma arma para corroer a estabilidade das nações.

O futuro, apesar de pacífico, é pouco diverso. O mundo do ano 3000 tem uma unidade linguística. Como o objetivo da humanidade se voltou para o progresso, as línguas acabaram convertendo-se em uma só. Há mais de cinco séculos não se fala no mundo senão a língua cósmica. Todas as línguas europeias estão mortas (MANTEGAZZA, 1914, p. 9).

No próximo tópico, examinaremos quais são as bases da utopia e da ficção científica imaginada para o 3000. Mantegazza vislumbra um futuro otimista, mas ao mesmo tempo sua utopia traz estranhamente à memória do leitor contemporâneo os piores momentos do século XX.

2. Andrópolis: uma utopia

A novela de Mantegazza, como literatura de fantasia, filia-se ao terreno das diversas utopias do final do século XIX, descrevendo uma viagem empreendida a uma cidade e apresentando o que os viajantes encontraram por lá. Como uma fantasia de *Portal Quest*, ao chegar a Andrópolis o narrador descreve todas as maravilhas e soluções engendradas pela ciência do futuro para o progresso da humanidade.

Raymond Trousson argumenta que entre 1870 e 1914 a literatura de utopia adquiriu grande diversidade, desde textos que almejavam utopias socialistas influenciados por Saint-Simon, Owen e Fourier a projetos anárquicos ou antissocialistas. Crescia o que o autor definiu como utopia de evasão: “a utopia de evasão define-se como uma reação a um mundo cada vez mais industrializado e conformista” (TROUSSON, 1999, p. 193)¹³. *O Ano 3000*, por outro lado, pode ser descrito como oposto a qualquer ideia de evasão. Andrópolis é uma cidade utópica assentada no conformismo de manter todas as relações sociais estabelecidas e aceitas até o século XIX e também de potencializar a vigilância do Estado sobre políticas higienistas.

A viagem a Andrópolis é imperativa a todos os casais que desejam ter filhos. É por isso que o casal Paulo e Maria faz a viagem: “devem se apresentar ao Senado Biológico de *Andrópolis*, a fim de que por aquele Supremo Conselho das Ciências seja resolvido se têm ou não o direito de transmitir a vida a outras criaturas” (MANTEGAZZA, 1914, p. 9). A cidade é o centro administrativo do planeta Terra no ano 3000. Depois que todas as guerras foram abolidas e que a ciência se tornou o objetivo central da humanidade, Andrópolis foi formada como a grande metrópole planejada:

Andrópolis era, na verdade, o coração do globo, o centro da civilização planetária. Andrópolis foi fundada no ano de 2500 por Cosmete, cidadão inglês, e o mais notável dos legisladores do mundo, que numa grande assembleia, realizada em Londres no ano de 2490, lançou a base dos Estados

¹³ Tradução nossa. No original: “l’utopie de évacion se définit comme une réaction à un monde de plus en plus industrialisé et conformiste.”

Unidos da Terra. Naquela assembleia tomaram parte enviados de todos os países, e após uma discussão que durou mais de um mês, resolveu-se que a capital planetária fosse fundada em Darjeeling, considerada a região mais bela e mais salubre do mundo (MANTEGAZZA, 1914, p. 66).

A cidade é grandiosa: “não tinha senão cinco séculos de vida, e contava já dez milhões de habitantes” (MANTEGAZZA, 1914, p. 66). Considerando que uma cidade como Londres teria em torno de 5 milhões de habitantes em 1900, a ideia de uma cidade com o dobro da população é no mínimo grandiosa ou, como como descreve o narrador, “uma imensa aglomeração de cem cidades” (MANTEGAZZA, 1914, p. 67).

O centro da cidade é descrito como o único lugar simétrico: “duma grande praça circular partiam sete ruas, à maneira de raios duma estrela e na mesma praça se erguiam majestosos o Palácio do governo, a Academia das Ciências e das Letras, a Academia das Belas Artes e o Templo da Esperança” (MANTEGAZZA, 1914, p. 68).

A ideia central de *O Ano 3000* como utopia é de um futuro dominado por engenharia reprodutiva, com uma viagem à cidade para decidir se o casal pode ou não gerar descendentes, se são saudáveis para gerar outro corpo saudável e produtivo. Toda a beleza da cidade é relacionada aos corpos que ela controla e as práticas que ela vigia.

Rhiannon Noel Welch atenta que, apesar de o conceito de raça não ser proeminente na narrativa literária de Mantegazza, é ideia constante na sua produção científica. Por isso, não podemos deixar de nos debruçar sobre o problema do corpo para essa ciência do futuro imaginada pelo autor: “assim, o livro de Mantegazza dramatiza uma mudança epistemológica que ocorreu no século XIX, e de forma mais notória no seu campo da fisiologia, que fez do corpo o local de poder e verdade” (WELCH, 2016, p. 108)¹⁴.

A utopia de Mantegazza não é somente a de uma cidade perfeita, mas de uma ciência que escolhe e padroniza os corpos, a partir da eugenia, de padrões raciais e de teorias científicas sobre o perfeito e o imperfeito. Assim, a novela é sobre as padronizações do corpo, ao mesmo tempo que se transforma em uma utopia de padronização da sociedade: conforme o livro de

¹⁴ Tradução nossa. No original: “Mantegazza’s novel thus dramatizes an epistemological shift that occurred in the nineteenth century, and most markedly within his field of physiology, that made the body the site of both power and truth.”

Manregazza deixa claro, essas tentativas surgiram de uma demanda crescente por padronização e regulamentação em massa” (WELCH, 2016, p. 108)¹⁵.

Em Andrópolis, a noção política reinante é que a cidade deve ser espelho do corpo. Uma sociedade sadia é como um corpo sadio: “na organização política da sociedade não fizeram mais do que copiar o nosso organismo” (MANTEGAZZA, 1914, p. 98). A cidade utópica organiza-se como um organismo político:

E, assim como no corpo humano cada órgão, cada célula tem a sua vida independente, e só mantém coligada na grande federação e na grande unidade do organismo por meio do sistema nervoso e do sistema sanguíneo, assim também no nosso planeta cada comuna tem vida própria, mas por meio de fios telegráficos, que representam os nervos, comunica Andrópolis, que é, a um tempo, cérebro e coração do gigantesco organismo planetário (MANTEGAZZA, 1914, p. 98).

A junção de cidade e anatomia não era propriamente uma novidade. Desde o século XVIII estava presente a ideia de uma cidade ideal que se comporta como as potencialidades de um corpo limpo e saudável, inspirada nas descobertas da fisiologia, como lembra Richard Sennett: “Palavras como ‘artéria’ e ‘veia’ entraram para o vocabulário urbano do século XVIII, aplicadas por projetistas que tomavam o sistema sanguíneo como modelo para o tráfego” (SENNETT, 2008, p. 271).

Como fisiologista, Mantegazza não deixa de compartilhar desse discurso que unifica fisiologia e funcionalidade política. Andrópolis é uma cidade que é cérebro e coração do mundo. Na utopia do ano 3000, o médico é tão importante quanto um governante, a medicina é a extensão da política e dela nascem as preocupações da cidade: “Abolir as doenças – Prolongar a vida humana, e tirar da morte todas as dores e todos os terrores” (MANTEGAZZA, 1914, p. 98).

Para potencializar a vida, o ano 3000 elimina o menos apto. A narrativa utópica de Mantegazza prenuncia todos os horrores da política higienista nazista, porém não faz isso como uma alerta, mas como desejo de horizonte do progresso:

¹⁵ Tradução nossa. No original: “as Mantegazza’s novel makes clear, these attempts grew out of an increasing demand for mass standardization and regulation.”

No ano 3000 também nascem homens fracos e destinados a curta existência, e, posto se eliminem os recém-nascidos patológicos, ainda subsistem, todavia, muitos organismos imperfeitos, que não podem achar alegria na vida, nem torná-la útil a si e aos outros e que chegam geralmente à idade fecunda, em que podem transmitir os seus achaques a outra geração (MANTEGAZZA, 1914, p. 103).

As ideias expostas sobre “homens fracos”, eliminação de recém-nascidos, “imperfeição”, lembram-nos o projeto nazista chamado de *Lebensborn*. Marc Hillel e Clarissa Henry, em *Em nome da raça*, descrevem o audacioso projeto *Lebensborn*, instituições que promoviam o casamento entre alemães e faziam campanhas para que etnias diferentes não se reproduzissem, além de emitirem certidões atestando a pureza racial dos noivos e financiar casais a terem seus filhos considerados arianos (HILLEL; HENRY, 1980).

Ao compararmos os ideais de Andrópolis e os do *Lebensborn*, é possível perceber que o projeto utópico descrito por Mantegazza se colocado em prática é uma política eugênica. Na utopia de Andrópolis, o imperfeito é eliminado, a ciência seleciona quem deve viver, quem deve morrer e quem deve reproduzir para que a saúde social da cidade seja preservada: “A inspeção dos esposos, para lhes ser autorizado o matrimônio fecundo, diminui muita as doenças hereditárias” (MANTEGAZZA, 1914, p. 103).

Para melhor compreender as ideias de Mantegazza, é preciso ter em mente o conceito de biopolítica desenvolvido por Michel Foucault em *História da Sexualidade*. De acordo com o filósofo, a partir da segunda metade do século XVIII instaurou-se um discurso científico e social construído na anátomo-política do corpo humano, gerando uma biopolítica da população (FOUCAULT, 2014, p. 150).

A percepção do corpo como espécie na biopolítica levou à instauração de controles regulatórios de processos biológicos, que permitem medir a natalidade, a mortalidade, ou seja, uma esfera demográfica da vida. O corpo é analisado em suas potencialidades orgânicas, sendo então medido, esquadrihado e pensado em dimensões de saúde-potência ou doença-fraqueza.

A visão utópica de Andrópolis é de uma sociedade controlada pelos padrões regulatórios da eficiência biológica, o que Foucault definiu no âmbito da biopolítica como a instalação “anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função

mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo” (FOUCAULT, 2014, p. 150).

A biopolítica legitima uma série de violências, ancorada em horizontes científicos, que lhe confere um poder de caráter disciplinar, que é o poder da escola, da saúde e da ciência da higiene como disciplina no século XIX. Tais esferas ganham destaque em *O Ano 3000*, como o Ginásio-Escola, que administra a educação, e a Higia, que controla a natalidade.

No Ginásio-Escola, responsável pela instrução de Andrópolis, moldam-se os músculos e as mentes: “o Ginásio, destinado aos exercícios físicos: o outro, a Escola, consagrada à instrução. Sobre o vestíbulo do Ginásio está escrito em caracteres de ouro: sêdes sãos, e estareis a meio caminho da felicidade. Sêdes fortes, e sereis livres” (MANTEGAZZA, 1914, p. 121). Na escola, são educados meninos e meninas que, depois de examinados por um médico, são aconselhados a seguir um dado método de ginástica (MANTEGAZZA, 1914, p. 126).

Nessa utopia criada nas ambições científicas do século XIX, o chefe político é um representante transitório, chamado Pancrata e eleito com o sufrágio universal. Mas quem parece exercer o poder é o responsável pela educação, uma espécie de papa como descrito: “Depois do Pancrata, é o Director do ministério da Escola o cidadão colocado no mais alto grau da hierarquia social, e poder-se ia dizer que ele representa o Pontífice da antiga Igreja Católica” (MANTEGAZZA, 1914, p. 107).

Se a ideia de um corpo desenvolvido e saudável está relacionada à ideia de uma sociedade moralmente correta e politicamente sadia, não surpreende que o chefe de uma instrução pública que enfatiza o corpo desempenhe o papel máximo na manutenção desse ideal. A educação no ano 3000 é resumida pela seguinte máxima: “Vamos lá tomar o pulso do mundo” (MANTEGAZZA, 1914, p. 108).

Mas o ano 3000 não é um momento de resolução das desigualdades de gênero. Mesmo um cientista que tanto contribuiu para uma educação sexual que levasse em conta a fisiologia e não conceitos morais atribuídos à sexualidade recoloca uma dúvida sobre as capacidades intelectuais das mulheres em relação aos homens no pensamento do administrador da escola: “O ilustre homem de ciência está-se ocupando agora dum problema importante, qual é o de saber até onde a mulher pode acompanhar o homem nos estudos superiores. É este um problema tão velho como o mundo, mas que ainda não está resolvido” (MANTEGAZZA, 1914, p. 108).

Na esteira da biopolítica como mecanismo regulador dos corpos é que podemos compreender a instituição Higia em Andrópolis, que não é somente um hospital que cuida de

doentes, mas é um órgão que escolhe quem nasce ou morre mediante os problemas de saúde que pode vir a desenvolver. Para isso existem médicos especiais chamados higieus: “Vem depois a mais alta hierarquia dos médicos, a dos *higieus*, que estudam organismos sãos, a fim de vigiar, antes do desenvolvimento da doença, a disposição para adoecer e são eles que inspecionam os recém-nascidos, para verificar se estes estão aptos para a vida” (MANTEGAZZA, 1914, p. 145).

A figura do higieus é a de um administrador populacional. Ele encarna o significado que Foucault atribuiu à biopolítica em suas funções: “lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder” (FOUCAULT, 2005, p. 292-3). Assim, para manter o desenvolvimento dessa cidade guiada pelo progresso são necessários corpos fortes, populações distantes das doenças e também do sofrimento, como afirma um dos médicos sobre a medicina da cidade: “a regra geral é morrer de velhice e sem sofrimento, porque como verás se eliminam logo à nascença todos os organismos mal conformados, e a doença se descobre nos primeiros sintomas” (MANTEGAZZA, 1914, p. 143).

A descrição do trabalho do higieus não envolve nenhuma grandiosidade, tendo algo da mecânica burocrática que prenuncia o horror nazista: “Em uma sala de espera mães e suas pequenas crianças de colo esperam ser chamadas por um examinador que depois de examinar a criança com um feixe de luz anuncia seu destino: ‘Número 17: Criança robusta, sã, apta para a vida’” (MANTEGAZZA, 1914, p. 156) ou “cérebro normal, nenhuma tendência para o delito” (MANTEGAZZA, 1914, p. 157). Finalmente, no número 20 temos um rejeitado: “Criança fraquíssima, tuberculosa, inapta para a vida” (MANTEGAZZA, 1914, p. 158).

Porém, a eliminação da criança não pode ser feita sem a anuência dos pais. A mãe, apesar de reticente, escuta os argumentos do higieus: “Pense que a sua piedade seria cruel, porque consagraria o seu filho a sofrimentos inauditos, atrozes e que poderiam durar muitos anos” (MANTEGAZZA, 1914, p. 160-161). Após pesar e sentir, a mãe acaba concordando e seu filho é eliminado em um pequeno crematório:

Um criado pegou, com efeito, na criança, abriu uma portinha negra, que havia na parede da sala e lá meteu o inocentinho, fechando outra vez a portinha. Fez mover uma mola, e ouviu-se um gemido, acompanhado dum pequeno rumor. A criança, inundada por uma chama de ar quente, a 2:000 graus, havia

desaparecido, e dela não restava mais que uma pitada de cinza (MANTEGAZZA, 1914, p. 159).

A ideia de cremação de inocentes ecoa mais uma vez o projeto nazista. A descrição, por mais que pareça almejar a assepsia do ambiente, leva o leitor contemporâneo à incômoda comparação com os fornos crematórios de Auschwitz. Welch atenta para uma reversão de expectativa, um momento em que a utopia encontra o desconforto da distopia (WELCH, 2016, p. 120). Se até o momento somos apresentados ao esplendor do progresso, também encaramos uma decisão difícil, acompanhamos uma mãe tendo que ver ser filho ser eliminado dessa sociedade perfeita.

O casal continua sua jornada pela cidade e decide visitar “a cidade dos mortos”. Se a vida é uma escolha que passa pela autoridade do higiêno, a morte é mais democrática, mas ainda vigiada pela biopolítica de Andrópolis: “No ano 3000 são permitidos todos os métodos de destruição e de conservação dos cadáveres humanos, uma vez que tais métodos não sejam nocivos à saúde” (MANTEGAZZA, 1914, p. 164).

Paulo revela que tem um segredo, que não foi a Andrópolis somente para buscar a permissão para poder se reproduzir, mas que está concorrendo ao Prêmio Cósmico do Ano 3000, uma premiação que escolhe a melhor criação ou descoberta científica do ano. A invenção de Paulo é o psicoscópio, “instrumento que permite ler facilmente os pensamentos” (MANTEGAZZA, 1914, p. 235).

O instrumento de Paulo não deixa de parecer profundamente desagradável aos demais concorrentes. É novamente um momento em que podemos sentir uma espécie de desconforto entre a utopia e a distopia, porque percebemos que a vigilância do pensamento é a última esfera de controle desejada em Andrópolis, que já administra os corpos de seus cidadãos e agora também poderá vigiar o que é pensado e sentido:

Quando todos nós soubermos que outrem pode ler em o nosso cérebro, faremos porque pensamentos e obras não se contradigam, e seremos bons no pensamento como o procuramos ser nas obras. É de esperar que, com o psicoscópio, a mentira seja banida do mundo, ou, pelo menos, seja um fenômeno raríssimo (MANTEGAZZA, 1914, p. 238).

No âmbito da biopolítica, a invenção tem uma grande utilidade para as ambições da cidade, pois ajudará na investigação das doenças em Andrópolis: “todas as vantagens que o novo instrumento nos poderá trazer na diagnose das doenças mentais, na educação e na psicologia” (MANTEGAZZA, 1914, p. 238).

Não há descrição de como o psicoscópio funciona, apenas que ele pode ser segurado pela mão e possui forma de “binóculo de algibeira” (MANTEGAZZA, 1914, p. 236). Após a revelação dessa invenção totalitária, mas que promete ser mais um avanço do progresso na cidade utópica de Mantegazza, a novela chega ao fim com a informação de que o casal recebeu o aceite para reproduzir-se:

Poucos dias depois, Paulo e Maria, tendo obtido o alto consentimento do Tribunal Sanitário de Andrópolis para se unirem no matrimônio fecundo, recebiam no Templo da Esperança o sacramento solene, e de amantes que eram, havia anos, tornaram-se marido e mulher, adquirindo por consenso da ciência o mais elevado dos direitos, outrora concedido a todos, nos tempos bárbaros — o de transmitir a vida às gerações futuras (MANTEGAZZA, 1914, p. 240).

Algumas perguntas não são respondidas. O que acontece com os casais que não podem se reproduzir? São esterilizados? E se a reprodução acontecer sem o consentimento de Andrópolis? O autor não se preocupa em nos dar todas as respostas, mas podemos imaginar que as soluções da cidade são eficientes em eliminar o indesejado.

Conclusão

Um texto como *O Ano 3000* permite vislumbrar alguns dos anseios da ciência do século XIX, assim como o princípio ordenador de vigilância dos corpos, como demonstramos com o conceito de biopolítica. Então cabe retomar nossa pergunta: por que é importante analisarmos uma narrativa de fantasia com elementos utópicos e de ficção científica escrita na virada do século XIX para o XX?

A resposta tem alguns desdobramentos. O primeiro é que a figura de Mantegazza não é a de um *outsider*. Estamos diante de um membro respeitado da sociedade italiana, senador, cientista, médico e antropólogo, um homem de cultura com acesso ao poder político e

econômico. Acompanhar seu sonho de futuro é analisar o que um homem cientista deseja da ciência.

A novela mostra um mundo no qual parece haver pouca representatividade feminina. Nenhuma mulher é diretora dos órgãos de Andrópolis, nenhuma mulher é médica e tampouco cientista. No ano 3000, ainda se discute a capacidade intelectual das mulheres para “acompanhar os homens” nos estudos superiores.

Como é comum nos discursos de ficção científica, a ciência vence a guerra, mas não parece vencer a fome e nem a desigualdade. A medicina procura terminar com a dor, mas contraditoriamente faz isso com crueldade. Os métodos de Andrópolis confundem-se com a ideologia nazista: eugenia, crematório, divisão entre fortes e fracos.

Nessa fantasia estilo *Portal Quest*, escutamos detalhes sobre os desejos de máquinas sonhadas para o futuro, mais energia com o pandínamo, uma cidade mais centralizadora que decide quem deve nascer, mas não se importa com como cada um quer ser enterrado porque o corpo morto não mais produz. Um mundo que sonha em se comunicar rapidamente, mas tudo é expresso no mesmo idioma, a língua cósmica. Ao sairmos de Andrópolis, a cidade ganha uma máquina de ler pensamentos, o que fará com que ninguém mais possa mentir, ou seja, a própria ideia de intimidade será abolida para o bem comum.

As últimas páginas de *O Ano 3000* soam distópicas, mas são situações em que Mantegazza percebe progresso e utopia em 1897. Andrópolis é semelhante à Londres distópica de 2540 de *Admirável Mundo Novo*, retratada por Aldous Huxley em 1932. A organização centralizadora da cidade ecoa também na totalitária Oceania de *1984*, proposta por Orwell em 1949.

As fantasias utópicas transformam-se à medida que mudam os tempos. Por isso é tão importante conhecer como o passado imagina o horizonte do futuro, para não repetirmos exatamente o que nos alerta a personagem de *O Ano 3000*: “ao fim de longos intervalos, as mesmas experiências, e tentar de novo as mesmas extravagantes utopias” (MANTEGAZZA, 1914, p. 33). São necessárias novas fantasias, distantes da biopolítica e distantes do controle.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLAMY, Edward. *Olhando Para Trás: 2000-1887*. São Paulo: Aetia Editorial, 2021.

BURKE, Peter. *O polímata: Uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag*. São Paulo: UNESP, 2020.

- CAMPANI, Francesca. Fare gli italiani dell'anno 3000: Paolo Mantegazza e le prospettive future dell'amore nell'Italia Postunitaria. *Annali di Ca' Foscari*. Serie occidentale. V. 53, p. 349-360, 2019.
- COHEN, David. *Freud e a cocaína: A história do uso da droga nos primórdios da psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.
- COMBERIATI, Daniele. L'anno 3000 di Paolo Mantegazza. L'utopia scientifica al servizio del progresso coloniale. *Filosofia e fantascienza. Spazi, tempi e mondi altri*. N. 10, Anno 6, p. 47-58, março 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREUD, Sigmund. *Análise fragmentária de uma histeria: O caso Dora*. Obras completas: v. 6. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.
- GUERRA, Sara Caumo. *Viajante-antropólogo: A narrativa de Paolo Mantegazza (1831-1910)*. 2012. Trabalho de conclusão de graduação – Departamento de Antropologia/IFCH/UFRGS.
- _____. *Paolo Mantegazza (1831-1910) e a escrita científica do Amor*. 2016. Dissertação de Mestrado – Departamento de Antropologia/IFCH/UFRGS.
- HENRY, Clarissa; HILLEL, Marc. *Em nome da raça*. São Paulo: Otto Pierre Editores, 1980.
- JAMESON, Fredric. *Archaeologies of future: the desire called utopia and other science fictions*. London: Verso, 2005.
- LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: PUF, 1947.
- MANTEGAZZA, Paolo. *O Ano 3000: sonho*. Lisboa: Santos e Vieira, 1914.
- _____. *L'an 3000 – Rêve*. Traduction, introduction et notes par Raymond Trousson. Paris: Éditions L'Harmattan, 2004.
- _____. *The Year 3000. A Dream*. Edited, with an introduction and notes, by Nicoletta Pireddu; transl. by David Jacobson. Lincoln: University of Nebraska Press, 2010.
- MENDLESOHN, Farah. *Rhetorics of Fantasy*. Connecticut: Wesleyan University Press, 2008.
- MINOIS, Georges. *História do Futuro: dos profetas à prospectiva*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- PIREDDU, Nicoletta. "Introduction". IN: MANTEGAZZA, Paolo. *The Year 3000. A Dream*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2010, p. 1-53.
- QUINE, Maria Sophia. Racial in 'Sterility' and 'Hyperfecundity' in Fascist Italy. *Biological Politics of Sex and Reproduction. Fascism*, v. 1, n. 2, p. 92-144, 2012.

- ROBERTS, Adam. *A verdadeira história da ficção científica*. São Paulo: Seoman, 2018.
- SENNETT, Richard. *Carne e Pedra. O corpo e a cidade na Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- STABLEFORD, Brian. “Science fiction before the genre”. IN: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (eds.). *The Cambridge Companion to Science Fiction*. Cambridge: CUP, 2003, p. 15-31.
- TROUSSON, Raymond. *Voyages aux pays de nulle part: histoire littéraire de la pensée utopique*. Bruxelles: Éditions de l’Université de Bruxelles, 1999.
- VIEIRA, Fátima. “The concept of utopia”. IN: CLAEYS, Gregory (ed.). *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. Cambridge: CUP, 2010, p. 3-27.
- WELCH, Rhiannon Noel. *Vital Subjects: Race and Biopolitics in Italy, 1860–1920*. Liverpool. Liverpool University Press, 2016.